

**NOTAS SOBRE O PORTUGUÊS DE ANGOLA
E A PROSA DE ONDJAKI**

Antonio José de Pinho (UFSC)
antoniojp@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo é feito um estudo, sem preocupações quantitativas, de alguns traços dialetais do português de Angola encontrados no romance *Bom dia, camaradas*, do escritor angolano Ondjaki, os quais são comparados às características gerais do português do Brasil, fazendo-se juntamente uma reflexão sobre a língua e cultura destas duas nações lusófonas: Brasil e Angola.

Palavras-chave: Português de Angola. *Bom dia, camaradas*. Ondjaki.

1

“Porque a História também se faz ao contrário, o caçador quando pressente o perigo é tarde demais e saiu já caçado, num golpe de futura sorte ou carnaval linguístico [...]” (ONDJAKI, 2009). Realmente, parece que agora a história está ocorrendo ao contrário. A colônia torna-se colonizadora; a colônia coloniza a metrópole. Um indício disso é o fato de que vou falar de um escritor africano em um texto que, originariamente, deveria versar sobre literatura portuguesa – ação que dificilmente poderia ser praticada em um passado não muito distante.

A voz dos “bárbaros” começa a ser ouvida. Por outro lado, dentro da inovação histórica há a histórica conservação, de certa forma a estrada da história (que é em grande parte a estrada da economia) ainda continua sendo uma via de mão única: da Europa para o mundo, num mundo onde todos são cada vez mais iguais. Mas também há indícios de que o rumo da história inverte-se: são os latinos e africanos que vão “colonizar” a Europa, ocupando os cargos desvalorizados pelo europeu “civilizado”, levando consigo sua própria língua “corrompida” e transformada no seio da pobreza. E sabemos que as “revoluções” linguísticas – silenciosas como são – ocorrem na contramão da história. É a língua do povo tão atacada pelos gramáticos e por todos os preconceitos que, no final, acaba vencendo a guerra. O sinal da sua vitória é sua utilização pelos donos do

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

poder e pela língua escrita.

Tenho certeza que o gramático brasileiro Evanildo Bechara deve falar assim com seus mais íntimos amigos: “eu vi ele ontem”, “me dá aqueles belos livros”, “cê tá dizendo que é pra mim fazer” e por aí vai. O português do operário do terceiro mundo (essa língua de poucas flexões e concordância), tanto da África quanto do Brasil, invade a fala das classes altas lusófonas e adentra em Portugal. Assim como o espanhol do trabalhador ilegal e desqualificado que cada vez conquista mais e mais o território dos Estados Unidos. As revoluções linguísticas são dessa forma, o vencedor é sempre vencido pelo conquistado. Vejamos o caso do latim, essa língua que conquistou todo o velho mundo. O idioma de Virgílio, que chegou aos confins do orbe, não veio à Lusitânia como o vemos nos versos de *Eneida*, na boca dos soldados iletrados a realidade linguística já era outra. Falavam, com certeza, em um latim que perdia suas flexões e usava cada vez mais preposições para deixar de declinar as palavras nos casos clássicos. No fim o latim teve de se misturar com a cultura local, e foi vencido.

Nasce o português culto e nobre de Camões que é filho do latim vulgar e plebeu. E, com o correr dos séculos, os portugueses, os romanos da era moderna, saem em suas caravelas pelo mundo, como os fenícios da antiguidade, e dominam novas terras, abrindo novos horizontes. Brasil e África tornam-se netos de Roma. O português que aqui chega também já não é o de Camões dos versos de *Os Lusíadas*, também como o português que vai a Angola e Moçambique não é o de Eça de Queiroz, porque a nobreza não sai de seu lugar, e para os novos mundos, que se abrem sob o signo da esperança, vão os degredados, os escravos, os marinheiros, os soldados, os agricultores... Todos pobres, iletrados e donos de outro português, que, com o correr da história, há de continuar, talvez, gerando outras línguas.

Mas enquanto isso não ocorre, o fato é que Angola, Brasil, Moçambique e Portugal ainda falam o português revestido dos mais variados dialetos. Espalhado por tantos diferentes e distantes lugares, influenciado por tantas outras culturas e línguas, seria o português de quem? Pois o nome dessa língua pressupõe que ela é de Portugal. Mas seria justo hoje chamar o português de português?

Por que hoje, para um brasileiro, é bem mais fácil compreender um angolano falando que um lusitano?

Sobre isso a linguística dá um interessante indício para o estudo dessas semelhanças entre falar dos brasileiros e dos angolanos. Paul Teyssier, um grande historiador do português, nos dá um intrigante (e instigante) testemunho, afirmando que, entre essas duas nações, existem, no uso do português, identidades sintáticas, como uma liberdade na colocação dos pronomes átonos ou o emprego da construção *eu vi ele* por *eu vi-o*, não podemos deixar de surpreender-nos pelas analogias que existem entre o português de Angola e o Português do Brasil. (TEYSSIER, 2007, p. 122)

O autor também lembra que, na língua padrão, o português de Angola segue o de Portugal. Porém, no uso comum, ou seja, vulgar, que é o uso verdadeiramente vivo de uma língua, e no qual já há seguras marcas do futuro linguístico, o português de Angola segue uma trajetória em que se distancia da nação colonizadora e, curiosamente, se aproxima do Brasil. (p. 121)

Vejamos, aqui, pois, algumas dessas características em comum dessas nações lusófonas do terceiro mundo, e o seu distanciamento linguístico em relação a Portugal.

Lembremos que uma característica das línguas neolatinas é sua musicalidade e sonoridade, devido à grande presença de vogais e consoantes sonoras, em contraste com as línguas germânicas mais “ásperas”, “duras” e cheias de consoantes surdas. Muitos pensam no português de Portugal como o mais “puro” e conservador, mas vemos que ele perde justamente o mais marcante das “filhas do Lácio”, a sua musicalidade. Caem as vogais e as que restam fecham-se. Em consequência, as palavras ficam cheias de consoantes ao modo dos germânicos, de tal forma que, num certo sentido, o português de Portugal perde sua latinidade. O que resulta disso é que nós, brasileiros, deixamos de compreendê-los a cada dia um pouco mais. De outro lado, é impressionante como, mesmo com as diferenças, o português

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

angolano nos parece muito mais natural, mais alegre e muito mais latino que o europeu.

Lendo *Bom Dia, Camaradas* de Ondjaki, escritor angolano, mesmo sem contar com o testemunho importante dos fonemas – os sons da língua – é impressionante como há semelhanças entre o modo africano de falar o português e o nosso. Claro que a escrita suprime muitas formas da linguagem viva das ruas, porém a proposta de Ondjaki foi justamente escrever seu romance no português coloquial angolano. Outro elemento relevante é que escreve tentando recriar a linguagem de um menino que, supostamente, ainda não domina a norma culta, e que será o narrador do romance.

Nos inúmeros diálogos travados entre Ndalú, o narrador, e seus colegas de escola, amigos, parentes, entre outros, vai se revelando um sentimento de estranheza para nós brasileiros, pois somos colocados diante de um vocabulário repleto de palavras desconhecidas no Brasil e algumas estruturas sintáticas “estranhas”. Mas ao mesmo tempo em que há a estranheza, diante da diferença nos encontramos naquele português, que é falado na periferia do mundo como também aqui é. Tantas formas da língua coloquial de Ondjaki são reveladas e surpreendentemente se mostram traços tão semelhantes ao nosso português do dia a dia, essa língua ainda ágrafa.

Esse outro português angolano, como foi dito, é revelado pela boca de Ndalú, um garoto de família de classe média que mora em Luanda. Tratando de temas como família, nação e principalmente infância, os diálogos entre Ndalú e seus amigos de colégio vão evidenciando uma língua que não se preocupa com as normas estabelecidas pelos gramáticos. Observemos, então, alguns desses traços comuns entre o português de Angola e do Brasil.

Entre os jovens brasileiros de hoje é muito comum o uso constante da palavra *tipo* introduzindo qualquer frase, servindo como um novo *então*. O impressionante é que tal fenômeno também é encontrado nos diálogos de Ndalú. “[...] tipo eu era já o camarada diretor da Rádio [...]” (p. 36) “Encontrámos o camarada António no portão pequeno. Ele vinha muito todo a rir, tipo já conhecia a minha tia de algum lado.” (p. 42)

Já na fala de personagens mais pobres, como o camarada An-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tónio, cozinheiro da casa família de Ndalú, outras formas desse português “periférico” ocorrem espontaneamente. A frase mais repetida e marcante desta personagem é em si um importante exemplo de como Angola e Brasil se encontram na língua do povo. O camarada António, sempre quando perguntado quanto tempo se demorava para fazer algo, não hesitava: “– Vinte minuto, menino... Vinte minuto...” (ONDJAKI, 2006, p. 24). As pessoas em geral sabem que na fala comum, muitas vezes, uns *esses* acabam deixados de lado. Os linguistas estão aí para provar com os seus estudos que as condições sociais do falante, como renda e escolaridade, são evidenciadas no seu modo de usar a língua. Quanto mais pobre é o sujeito, menos *esses*. E é juntamente este o caso do camarada António; enquanto sua fala apresenta-se mais desprovida de concordância (para que assim se marque na língua sua posição na sociedade), a de Ndalú, menino de família pequeno-burguesa, possui todas as marcas de plural.

Além da perda dos *esses* no final das palavras, sabemos nós brasileiros já há muito tempo de outra perda, porém não no fim, mas no início de um verbo dos mais usados, a saber, *estar*. Quem no Brasil fala “Paulo está em casa”, ou “eu estava na rua”? Esquecida a primeira sílaba desse verbo, ela só é relembrada muito raramente na fala formal, e insiste em continuar na escrita, conservadora como sempre. Novamente, o mesmo fenômeno também se dá no português angolano de Ondjaki. “[...] ela também já tava bem transpirada [...]” (p. 41), “[...] ele tava com uma diarrumba daquelas [...]”. (p. 36)

Tanto em Angola quanto no Brasil, parece que em muitos casos deixa-se de utilizar o *seu/sua*, pronome possessivo de terceira pessoa, pelo *dele/dela*. De tal forma que o pronome deixa de concordar com a coisa possuída, para passar a concordar com o possuidor, tirando assim a ambiguidade da frase. Porque, pelo menos em muitos dialetos do Brasil, se se fala “o carro é seu” dificilmente se interpretará como “o carro é de Paulo”, mas como “o carro é teu”. No português brasileiro confundiu-se, pois, o *teu* com o *seu* na segunda pessoa. Assim, a ambiguidade, que é criada num primeiro momento, é resolvida com o uso de *dele/dela* como possessivo de terceira pessoa. Em *Bom Dia Camaradas* há o mesmo fato. “[...] fomos para o quarto da tia Dada abrir a mala dela” (p. 43), “[...] o marido dela, acho que era o marido [...]”. (p. 40)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para tratar agora dos tempos verbais, sabemos que no português do Brasil o futuro do presente (eu cantarei) e o futuro do pretérito (eu cantaria) deixam de ter a clássica forma sintética, passando a ser usados majoritariamente em sua forma perifrástica. No lugar de *louvarei* usa-se *vou louvar*, e troca-se a forma *louvaria* por *ia louvar*. Nestas construções morfológicas, o verbo em sua forma simples com raiz mais a flexão modo-temporal dá lugar à perífrase, na qual há o emprego do verbo principal em forma infinitiva precedido pelo verbo auxiliar *ir*, ora flexionado no presente do indicativo formando o futuro do presente (*vou* cantar), ora flexionado no pretérito imperfeito formando o futuro do pretérito (*ia* cantar). Novamente todos estes fatos linguísticos também estão registrados na prosa de Ondjaki:

Agora *vou dizer* [...]. (p. 41)

– Tu num *vais acreditar*, mas num teve nenhum Caixão Vazio na tua escola. (p. 103)

[...] onde eu *ia sentar*. (p. 41)

[...] *íamos ficar* na varanda a conversar. (p. 103) (grifos nossos)

A colocação dos pronomes átonos na frase é uma outra questão que não pode ser esquecida. Nesse ponto a situação linguística entre Brasil e Portugal parece bem polarizada. Enquanto na Europa prefere-se o emprego das formas átonas em posição enclítica, no português brasileiro prefere-se quase sempre (ao que tudo indica no país inteiro) o emprego da próclise. Assim mais uma vez o português de Angola distancia-se do europeu para assemelhar-se ao nosso. Há um trecho significativo do romance de Ondjaki em que Ndalú dirige-se a seu pai, tentando expressar-se em um português “mais culto”, mais prestigiado, ou seja, o português de Portugal. “– É espreguiçar... O abacateiro está a espreguiçar-se... – ao dizer ‘espreguiçar-se eu afinei, como dizem os tugas²⁹, porque o normal era eu dizer ‘a se espreguiçar’” (p. 80). Note-se que o escritor simula uma titubeação da personagem, de tal forma ressaltando ainda mais que a ênclise não faz parte de seu dialeto, como também não faz parte do português brasileiro.

Há, é claro, além destes exemplos que foram citados, outros

²⁹ Os portugueses.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

fatos linguísticos que corroboram a hipótese da proximidade dos falares angolanos e brasileiros, como a transformação fonética do advérbio *não* em *num*, a contração da preposição *para* e o artigo *o* em *pro*³⁰, entre outros. Mas paremos por aqui com os exemplos, pois o objetivo deste breve ensaio não é esgotar a questão, mas apenas problematizá-la, levantando questões, estudando a língua e a literatura de modo não positivista, sem números, gráficos e tabelas.

4

Ondjaki continua registrando esse português coloquial de Angola em outro romance mais recente. Em *Avó Dezanove* temos uma estrutura narrativa semelhante a de *Bom Dia Camaradas*. Um menino narra com toda ingenuidade própria da idade a realidade que a cerca – das crianças de um tranquilo bairro de Luanda –, temos, portanto, uma narrativa em primeira pessoa. Tal característica da estrutura do romance propicia novamente o aparecimento de formas próprias da linguagem popular, quer dizer, da linguagem cotidiana de que nós todos necessitamos.

Nesse outro romance aparecem os mesmos aspectos linguísticos encontrados em *Bom Dia, Camaradas*. Destaquemos a questão da substituição do futuro em sua forma sintética (cantaremos) pela forma perifrástica (vamos cantar), a perda da primeira sílaba do verbo estar, entre outros fenômenos:

– *Tás* a dormir ou quê? – me perguntaram.

– Cala masé a boca. *Tou* a pôr a chuva dentro dos meus pensamentos. (p. 21)

– Então *vou aceitar* a proposta do soviético. (p. 26)

– Vocês *vão entender* [...]. (p. 46)

“[...] ele sabia que nós olhávamos atentos todo aquele movimento e que depois *íamos contar* aos outros.” (p. 52)

³⁰ “[...] então começaram a correr *pros* muros [...]” (ONDJAKI, 2006, p. 104)

Tratei em grande parte da língua apenas. Entretanto, sabe-se muito bem que não há como separar língua, história e cultura. Quem estuda tais questões é que secciona o real em várias partes para tentar organizar o caos que é o mundo concreto; ou seja, simplifica-se na teoria aquilo que na prática é complexo. Claro que não dá para falar de língua sem falar de cultura. Talvez seja pela cultura e pela história que possamos compreender a proximidade linguística entre Angola e Brasil.

Mesmo sendo nações separadas por um vasto oceano e por uma longa história, agora parecem evoluir juntos linguisticamente em muitos aspectos, mantendo essa latinidade que Portugal perde. Poderíamos levantar várias hipóteses para explicar essa proximidade de falares tão distantes. Uns diriam que é por causa do clima. Tanto lá quanto aqui somos inundados pelo calor tropical. Entretanto, tal explicação parece inverossímil. Poderia ser então a pobreza, talvez maior lá, mas grande aqui também? Sim, pode ser possível. A pobreza de Angola e a pobreza do Brasil possuem a mesma origem; todos sabem muito bem disso. Ela está no mesmo colonizador, e no mesmo modo de colonizar através da escravidão (formal ou não), da exploração agrícola, do roubo de terras... Tanto lá quanto aqui houve a vinda do colonizador pobre, falante de outro português mais alheio às normas da gramática. Tanto lá quanto aqui o português encontrou um mar de línguas das mais diferentes, e delas sofreu influências; dominou e foi dominado; contaminou e foi contaminado. Tanto lá quanto aqui os negros modificaram o português que aprendiam por imposição do dominador lusitano.

O português hoje não parece ser mais de Portugal, onde perde sua musicalidade e ganha outra prosódia estranha aos africanos e aos brasileiros. O português agora é língua de terceiro mundo, língua da América do Sul e África. Enquanto eles lá na velha Lusitânia passarão a falar outra coisa (ainda sem nome), nós do terceiro mundo é que seremos ainda latinos, netos de Roma e falantes de português.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ONDJAKI. *Bom dia, camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

_____. *Avó dezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

_____. *Outras margens de nossa língua*. Disponível em: <<http://ciberduvidas.sapo.pt>>. Acesso em 10/03/2009.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

**O INTERTEXTO
NA CONSTRUÇÃO DA LEITURA CRÍTICA**

Carmen Elena das Chagas (UFF)
carmenelena@bol.com.br

RESUMO

Pela prática de textos que se instaurou ao longo dos anos, a escola forneceu uma imagem, particularmente, deturpada da leitura, pois trabalhava de maneira quase exclusiva com trechos escolhidos. Assim, a escola foi desenvolvendo uma prática de leitura junto a leitores que se viram obrigados, para cada interpretação, a penetrar num texto desconhecido. Sob a ótica da linguística textual e do ensino de língua materna, este trabalho objetiva despertar certo número de categorias interpretativas e intertextuais que não derivam forçosamente do domínio verbal, mas que são suscetíveis de se aplicar a ele, caso o professor queira explorar mais intensamente essas categorias. Aprender a ler consistirá, então, em saber estruturar, por meio da intertextualidade, essas categorias interpretativas e melhorar, refinar, até mesmo modificá-las, quando isso se fizer necessário, explorando os dispositivos de decodificação já presentes no espírito do leitor, tornando-o mais crítico. Dessa forma, ler não será mais uma entrada em espaços desconhecidos e sim um passeio entre os textos de variados gêneros. Um texto será, então, legível por um lado, porque funciona segundo leis e esquemas de que já dispõe o leitor e porque se dá como reescritura de outros textos, levando assim em conta a experiência anterior do leitor. O texto, enfim, será legível em relação a uma norma ou a certa concepção do verossímil.

Palavras-chave: Leitura. Intertextualidade. Gênero textual

1. Considerações iniciais

O ensino da leitura, nas aulas de língua portuguesa, assume uma particular relevância, porque o aluno precisa ser preparado para se tornar o sujeito do ato de ler, ou seja, um leitor crítico. Para tanto, é necessário que ler se torne a capacidade de apreender a significação profunda dos textos com que o leitor se depara, preparando para reconstruir e para reinventar os textos.

Partindo dessa realidade, cabe ao professor a tarefa de despertar no aluno/leitor uma atitude crítica diante da realidade em que se encontra inserido, disponibilizando meios para “ler o mundo”. A princípio o seu mundo, mais depois, gradativamente, todos os mundos possíveis. Assim, nas aulas de leitura, é importante conscientizar